

## Machado de Assis em esperanto

*José Leite Jr.<sup>69</sup>*

*Universidade Federal do Ceará*

*Ao Prof. Paulo Amorim Cardoso, nos 50  
anos do Curso de Esperanto da UFC.*

Se a tradução já é tema que suscita dúvidas e debates, certamente a tradução numa língua planejada deve acentuar a polêmica. Pode parecer extravagante a ideia de que uma língua que nasceu como projeto possa ter um mínimo de naturalidade para a tradução, sobretudo quando se trata da complexidade do texto literário. No caso do esperanto, porém, sobram razões para crer que a tradução, inclusive de textos literários, não só é possível como também inerente ao seu desenvolvimento. É o que será apresentado neste trabalho, em que coloco em relevo aspectos quantitativos da tradução para o esperanto de textos de Machado de Assis.

O esperanto apareceu nos tempos do Machado de Assis realista. Embora suas crônicas para a *Gazeta de Notícias* (1881 a 1897), coincidam por dez anos com o momento inaugural do esperanto, o assunto não ganhou pauta em seus escritos jornalistas.

---

69 Jozefo Lejê na comunidade esperantista.

Um final de século cheio de novidades, invenções e descobertas não poderia ser mais propício para o aparecimento de uma língua planejada. De fato, ela veio a público em 1887. Era uma brochura sem maiores adornos tipográficos, de 42 páginas, em cuja capa se lia, em russo, *Língua Internacional do Dr. Esperanto*. Prudente, o autor do projeto linguístico, o jovem médico oftalmologista Lazaro Ludoviko Zamenhof<sup>70</sup>, não expôs o verdadeiro nome na capa, mas o pseudônimo Dr. Esperanto<sup>71</sup> (Dr. Esperançoso). Em pouco tempo, o pseudônimo tomou o lugar da Lingvo Internacia (Língua Internacional). O pseudônimo explica por que os esperantistas insistem na escrita *Esperanto*, com inicial maiúscula.

Dois anos após essa publicação em russo, apareceriam traduções em polonês, alemão, francês, inglês e hebraico da obra que ficou conhecida como *Unua Libro* (Primeiro Livro). O projeto ganhou adeptos, certamente simpáticos não só às características linguísticas do esperanto, mas também à sua “ideia interna”, expressão usada por Zamenhof (2001, p. 85) para se referir ao propósito pacifista subjacente: “fundamento neutro<sup>72</sup> da língua para que desapareçam os muros entre os

---

70 O autor nasceu em família judia na cidade polonesa de Bialistoque, em 15 de dezembro de 1859.

71 ESPER- (raiz de esperança) -ANT- (particípio ativo) -O (marca do substantivo): aquele/a que tem esperança, esperançoso/a.

72 A noção de neutralidade proposta por Zamenhof, para usar uma analogia, lembra o princípio da alavanca de Arquimedes (287 a 212 a.C.), segundo o qual corpos de massas desiguais podem ser equilibrados, dependendo do ponto de apoio da haste em cujas extremidades se encontrem. Ou seja, não sendo o esperanto um espaço de disputa da hegemonia linguística, acabaria funcionando como um equacionador de desigualdades linguísticas.

povos e se estabeleça entre as pessoas a consciência de que cada um deve ver o próximo somente como pessoa e irmão.”<sup>73</sup>

O fato é que, em 1905, portanto dezoito anos depois do livro inaugural, ocorreria o I Congresso Internacional, em Boulogne-sur-Mer, reunindo 688 entusiastas<sup>74</sup> vindos de vinte países. Em clima de entusiasmo “pentecostal”, experimentava-se uma conversação coletiva de falantes de línguas diversas sem necessidade de intermediação. Fundava-se, assim, uma curiosa tradição do movimento liderado pela discreta figura de Zamenhof: simplesmente não há intérpretes nos congressos esperantistas, inclusive no mais recente, o centésimo, ocorrido em Lille, França, de 25 de julho a 1.º de agosto de 2015.

No entanto, nem todos são pacifistas. A ideia de uma cultura internacionalista soa como *falta de cultura* para quem entende cultura como um produto nacional. Muitas vezes, a desinformação, não só sobre o esperanto, mas sobre a ciência da língua de um modo geral, chega a surpreender. Há quem diga que o esperanto não passa de um código artificial, algo sem cultura própria. Alguns usam formas verbais do pretérito na referência ao esperanto, pois o julgam uma língua morta. A proposta de língua auxiliar para os diversos povos acaba confundindo-se, e mesmo invertendo-se, na figura caricata de uma pretensa hegemonia linguística internacional.

Em sua biografia sobre Zamenhof, o suíço Edmond Privat (2001, p 40), refletindo sobre o insucesso do volapuke e a oportuna alternativa do esperanto, é taxativo: “Uma língua

---

73 “neŭtrala lingva fundamento forigi la murojn inter la gentoj kaj alku-  
timigadi la homojn, ke ĉiu el ili vidu en sia proksimulo nur homon  
kaj fraton.” (Tradução minha, assim como todas deste artigo.)

74 A lista de todos os congressos está na página da UEA: <http://www.uea.org/kongresoj/listo>

deve realmente ser internacional e viva, e não fabricada artificialmente.”<sup>75</sup> Ora, uma coisa é dizer que toda língua humana é artificial, seja planejada ou não, mas outra coisa é o artifício exacerbado, cerebrino, portanto incapaz de sobreviver à prova do uso, no batismo da vida social. Nesse sentido, o esperanto é tão artificial como a língua portuguesa, o iídiche, o alemão, libras ou braille. Ninguém duvida de que a ciência também seja artificial, mas a inseminação artificial torna a criança artificial? Claro que não.

Enfim, língua é criação humana, mais ou menos consciente. Essencialmente identitária, a língua pode ser regional, nacional ou internacional (VARANKIN, 1929) (LAPENNA, 1954). Isso depende somente da comunidade que a compartilha. Existem línguas nacionais usadas hegemonicamente em situação internacional, como o castelhano de Madri, o francês parisiense, o inglês norte-americano, o português brasileiro. Também há línguas planejadas especialmente para esse propósito, como o esperanto, o ido, o latino sine flexione, o novial, o volapuke, dentre outras, que não têm propósito hegemônico. Mas seja local, regional ou internacional, toda língua é, num grau maior ou menor, planejada, já que não se fala ou se escreve do mesmo modo em todas as circunstâncias da vida social. O brasileiro não passa doze anos “aprendendo português” na escola senão por um motivo: o planejamento linguístico, firmemente assentado no artigo 13 da Constituição Federal. Enfim, a política linguística será tão mais evidente quanto mais complexo for o cenário das relações humanas.

Das línguas propostas especificamente para a comunicação internacional, o esperanto é a única efetivamen-

---

75 “Lingvo devas ja esti internacia kaj vivanta, ne arte fabrikita.” (Tradução do articulista.)

te em uso, que sobreviveu à morte de seu idealizador (BARANDOVSKÁ-FRANK, 1995, p. 3-16). Não se trata de língua morta. Estruturada a partir de dezesseis regras gramaticais fundamentais, dotada de uma escrita fonêmica (28 caracteres), a língua iniciada por Zamenhof vem evoluindo, tem arcaísmos, neologismos, terminologias, jargões, palavrões, hipocorísticos, tudo compartilhado por pessoas absolutamente normais. Os falantes do esperanto têm organizações internacionais, como a Akademio de Esperanto (Academia do Esperanto), a Universala Esperanto-Asocio (Associação Mundial do Esperanto), Sennacieca Asocio Tutmonda (Associação Mundial Apátrida), Brazila Esperanto-Ligo (Liga Brasileira de Esperanto), Pasporta Servo (Serviço de Passaporte, uma rede social turística com cerca de 2.000 endereços no mundo todo).

A história vai flagrar o esperanto em várias situações. Na Primeira Guerra Mundial, foi usado na Suíça de forma humanitária, na correspondência entre pessoas de países em conflito. Esteve na organização do movimento operário europeu até a ascensão do nazismo. Estampou jornais revolucionários na Guerra Civil Espanhola, sobretudo entre anarquistas. Foi reconhecido pela Unesco em 1954, sendo recomendado para apreciação pelos Estados membros da ONU. É uma das línguas de trabalho da imprensa oficial chinesa (Ĉina Radio Internacia). É língua cultivada por organizações religiosas como Oomoto (Japão), Bahai (Oriente Médio), Federação Espírita Brasileira, dentre outras. É oficializado como língua literária pelo Pen Club. É uma das línguas do serviço de tradução do Google. Pode ser usado na configuração do sistema operacional Linux. Adaptou-se, por razões óbvias, à contemporaneidade e à cultura de redes.

O caráter cultural (internacionalista) do esperanto é assim sintetizado pela linguista Maria Nazaré Laroca (2009, p. 83):

Durante todos esses cento e vinte e dois anos de existência da língua, floresceu uma rica literatura em Esperanto com centenas de obras originais e traduzidas. Em 1993, essa tradição literária foi reconhecida pelo Clube Internacional PEN de Escritores, que aceitou a filial de Esperanto em seu 60.º Congresso, em setembro de 1993. Há mais de 50.000 títulos de caráter literário, científico e religioso escritos em Esperanto. Pode-se ler sobre qualquer assunto: literatura, psicanálise, política, filosofia, sociologia, linguística, história, humor, comportamento, moda, turismo, astrologia, esoterismo, educação, engenharia, televisão, cinema, artes, etc.

Desde a proposta da chamada Língua Internacional, em 1887, a literatura nessa língua planejada passou a ser dividida em original e traduzita. O exemplo vem do próprio Zamenhof, que escreveu no original como fez traduções. São originais seus ensaios, sua obra poética e oratória. Foi também um dedicado tradutor. Eis alguns exemplos: *La batalo de l' vivo*, de Charles Dickens (1891), *Hamleto*, de William Shakespeare (1894), *La revizoro*, comédia de Gogol (1907), *La rabistoj*, de Friedrich Schiller (1907), *Ifigenio en Taŭrido*, de Johann Wolfgang von Goethe (1907), *Biblio: Malnova Testamento* (1917).

O interesse pela tradução, ao lado das produções originais, explica-se pela própria natureza do esperanto, que se propõe como língua antibabel. E não se trata aqui de uma padronização. A internacionalidade do esperanto é dialética, uma vez que assimila as particularidades nacionais e regionais e as projeta para uma comunidade planetária. Com a prática da tradução, amplia-se e diversifica-se o vocabulário do esperanto, que deve espelhar um léxico internacionalmente compartilhado. Sendo literária, a tradução representa um campo desafiador para experiências estilísticas.

O francês Gaston Waringhien, autor de vasta obra linguística e grande ativista do movimento esperantista, assim declarou, a respeito da importância tradução para o esperanto: “um – possivelmente o principal – papel da literatura em esperanto é se tornar como que o museu de todas as obras-primas nacionais”<sup>76</sup>

Eis um exemplo dessa função intercultural em publicação recente da China, país com forte tradição e investimento no esperanto:

Coidealistas chineses sempre se empenhando para a prosperidade da cultura esperantista, inserem continuamente nesse museu “obras-primas” da literatura chinesa com versão em esperanto e quiçá fazem esse museu mais ricamente brilhante pelas gemas, que são a cristalização da longa história da civilização chinesa.

Eis que, após a publicação da monumental obra-prima da literatura chinesa “Sonho da Casa Rubra” em três volumes, a Editora de Esperanto da China publicou “Contos da China Antiga” com 544 páginas. (CHENGTAI, 2005)<sup>77</sup>

Mas há quem creia ser intradutível o texto literário, sobretudo o texto poético. Essa visão é contestada pelo escritor e tradutor escocês William Auld (1964, p. 1386), um dos mais notáveis nomes da literatura esperantista, segundo o qual “a frase *poesia é intradutível* é um desses frequentes clichês

---

76 “unu – eble la precipa – rolo de la Esperanta literaturo estas fariĝi kvazaŭ la muzeo de ĉiuj naciaj ĉefverkoj.” (Tradução do articulista.)

77 Ĉinaj samideanoj ĉiam klopodas por la prospero de la Esperanta kulturo, metas senĉese en tiun muzeon “ĉefverkojn” el la ĉina literaturo en la Esperanta versio kaj dezire faras tiun muzeon pli brilante bunta per gemoj, kiuj estas kristalaĵo de la longhistoria ĉina civilizacio. Jen post la eldonado de la monumenta ĉefverko en la ĉina literaturo “Ruĝdoma Songô” en tri volumoj la Ĉina Esperanto-Eldonejo eldonis “Noveloj el Antikva Ĉinio” kun 544 paĝoj.

(...) que as pessoas ficam repetindo como se tivesse algum sentido.”<sup>78</sup>

Para Auld, o ceticismo sobre a tradutibilidade do texto literário se explica, em parte, pela má qualidade de certas traduções. Para ele, no mesmo ensaio, são essenciais duas qualidades para a tradução poética: verdadeiro bilinguismo e habilidade poética. Em relação à tradução para o esperanto, Auld aponta qualidades inerentes ao idioma que favoreceriam a tradução: “sua flexibilidade, sua exatidão semântica em combinação com uma sutileza de construção da palavra, sua adaptabilidade a diversos ritmos e sua riqueza de rimas (...)”<sup>79</sup>

Auld, continuando sua argumentação, insiste na premissa do bilinguismo, afirmando que a tradução entre duas línguas nacionais dificilmente supera as marcas da língua nativa do tradutor (grifos originais):

Mas eu devo mencionar a mais importante delas [características do esperanto], no contexto que acabo de adentrar: diferentemente de quase todas as traduções de uma língua nacional para outra, onde o tradutor traduz *para* sua língua nativa a partir de uma língua que ele conhece menos intimamente, traduções em esperanto são normalmente feitas *da* língua nativa (...) para uma língua que ele conhece com a mesma intimidade. Uma mente objetiva (...) vai acabar concordando que aí está uma diferença notável. O tradutor em esperanto é (quase que único) *verdadeiramente bilíngue*.<sup>80</sup>

---

78 “(...) la frazo poezio estas netradukebla estas unu el tiuj tro oftaj kliŝoj, kiuj ne signifas tion, kio supraĵe ŝajnas, sed kiujn oni citadas kvazaŭ tiun signifon ili fakte havus.” (Tradução do articulista.)

79 “ĝia fleksebleco, ĝia semantika ekzakteco en kombino kun subtileco de vortkonstruado, ĝia adaptebleco al diversaj ritmoj kaj ĝia riĉeco je rimoj (...)” (Tradução do articulista.)

80 “Sed mi devas menci i la plej gravan el ili, en la kunteksto de kiu mi ekiris: malsimile al preskaŭ ĉiuj tradukoj el unu nacilingvo en alian,



A tradução do texto literário certamente é a que mais cuidados exige. Não seria diferente com o esperanto, mesmo que se admitam as vantagens apontadas com entusiasmo por um de seus mais representativos defensores. A propósito, o escritor, tradutor e crítico chinês Shijun (2015), conhecido no mundo esperantista como Laŭlum, aponta sete problemas de tradução literária que devem ser enfrentados na tradução do texto literário para o esperanto:

- a. Contraste entre facilidade de aprendizagem e necessidade de um amplo vocabulário [para o texto literário]
- b. Como espelhar a cambiância das linguagens de diversas nações?
- c. Os arcaísmos
- ĉ. Os dialetos, gírias e jargões
- d. Os jogos de palavra
- e. As fraseologias
- f. Fidelidade às formas <sup>81</sup>

Por outro lado, o próprio Shijun (2015) aponta as competências do esperanto, justamente para a difícil tradução do texto literário:

---

kie la tradukanto tradukas *en* sian denaskan lingvon el lingvo, kiun li konas malpli intime, esperantaj tradukoj estas ordinare farataj *el* la denaska lingvo (kies nuancojn la tradukanto indiĝene komprenas) en lingvon, kiun li same intime konas. Iu ajn objektiva menso konsentos, ke tio estas grava diferenco. La esperanta tradukanto estas (preskaŭ unike) *vere dulingva*.” (Tradução do articulista.)

- 81 a. Kontraŭdiro inter la facillernebleco kaj bezono de granda vortaro / b. Kiel speguli la buntecon de la lingvaĵoj diversnaciaj? / c. La arkaismoj / ĉ. La dialektoj, slangoj kaj ĵargonoj / d. La vortludoj / e. La frazeologiaĵoj / f. Fideleco al la formoj (Tradução deste articulista.)

- a. Gramática simples e racional
- b. Belo sistema fônico
- c. Livre disposição de palavras na frase
- ê. Estilo internacional <sup>82</sup>

A quarta qualidade acima também pode ser relacionada com as particularidades estilísticas do esperanto. É o que afirma Edmond Privat (2001, p. 43), para quem o texto literário em esperanto deve exprimir com verossimilhança as nuances da comunicação humana:

Sob natural controle e coerção o esperanto teve necessariamente que se amoldar a todas as exigências dos sentimentos, sem os quais as pessoas não são pessoas, mas apenas máquinas intelectivas. E isso é a mais internacional parte da língua, muito mais que sua gramática regular e até que seu vocabulário romano-germânico.<sup>83</sup>

Para exemplificar o que Privat entende como representação linguística dos sentimentos humanos, separo aqui um trecho da pesquisa de Laroça (2009, p. 139) sobre a categoria do aspecto no esperanto:

O operador aspectual inceptivo *ek-* promove o sentido aspectual inceptivo de *ekfajfas* (começa a assobiar). A atelicidade do verbo *fajfi* (assobiar) combinada com o sufixo de tempo presente – assegura a imperfectividade da forma verbal *ekfajfas*. Assim, temos o aspecto imperfectivo inceptivo: *ekfajfas* – começa a assobiar.

A mesma autora (LAROÇA, 2009, 139) ilustra a estilística aspectual do prefixo *ek-*, ordinariamente de valor incoativo, numa tradução de Machado de Assis feita por Paulo Sérgio

---

82 a. Simpla kaj racia gramatiko / b. Bela sonsistemo / c. Libera vortordo / ê. Internacia stilo

83 Sub natura kontrolado kaj limigo Esperanto devis fatale fleksiĝi al ĉiuj postuloj de la sentoj, sen kiuj homoj ne estus homoj, sed nur intelektaj maŝinoj. Kaj tio estas la plej internacia parto de la lingvo, multe pli ol ĝia regula gramatiko kaj eĉ ol ĝia roman-germana vortaro.

Viana, a quem se deve a maior parte da tradução de Machado para o esperanto:

(106) Inácio ektremis, kiam li aŭdis la kriojn de la advokathelpanto, ricevis la teleron al li donitan kaj ekmanĝis sub tempesto da finomoj [...] (N13, p. 41)

(“Inácio estremeceu, ouvindo os gritos do solicitador, recebeu o prato que este lhe apresentava e tratou de comer, debaixo de uma trovoada de nomes [palavrões] [...]”) (ASSIS: 2005, p. 107)<sup>84</sup>

Voltando ao tempo de Machado de Assis, sabe-se que a primeira referência impressa ao esperanto, em jornal brasileiro, saiu em O País [O Paiz], em 1898. Aparece a reprodução de *Patro Nia* (*Pai Nosso*), único texto do *Novo Testamento* traduzido por Zamenhof. O *Pai Nosso*, também chamado de *Oração Dominical*, aparece na página 19 do primeiro livro do esperanto (1887). Quem assinava a nota jornalística era Artur Azevedo, que menciona Jácome Martins Baggi de Araújo, tido como o primeiro esperantista brasileiro. Em seu texto, Artur Azevedo (1898, p. 2) vê o esperanto com simpatia, contrastando-o com o volapuque: “um idioma internacional muito mais aceitável, muito menos complicado que o célebre volapuque, em que de balde pretendi meter o dente”. Dentre os simpatizantes do esperanto, Artur Azevedo cita Tolstói, Max Müller e Henry Phillips.

Tendo surgido antes do esperanto, o volapuque, língua criada em 1879 pelo religioso alemão Johann Martin Schleyer com propósitos semelhantes ao que alguns anos depois proporia Zamenhof, teve adeptos inclusive no Brasil. Um deles foi nada menos que o crítico literário cearense Araripe Jr. (1866), um dos fundadores da Academia Brasileira de Letras. Em dois

---

84 Trecho extraído de *Brakoj* (*Uns braços*), um dos contos da antologia *La divenistino kaj aliaj rakontoj* (*A cartomante e outros contos*) traduzida por Paulo Sérgio Viana.

artigos, um de 13 de fevereiro e outro de 20 de março de 1886 (portanto antes do surgimento do esperanto), Araripe Jr. mostra-se até entusiasmado com o projeto: “O volapuque surge, portanto, do cérebro de um sábio moderno, como Minerva do cérebro de Júpiter.” Os mencionados artigos não são, entretanto, panfletários. Neles o crítico faz prudentes avaliações interlinguísticas (*avant la lettre*), alude a tentativas frustradas de projetos anteriores e afere o potencial científico dessa proposta de língua internacional. Embora confesse que chegou a se sentir um adepto da nova língua, acaba por hesitar sobre seu sucesso, não por seu propósito humanístico, mas por sentir falta do que chamou de *elasticidade*.<sup>85</sup>

Se Machado não chegou a gastar sua pena com o esperanto, não deixou de picar o volapuque, que tomou algum tempo do confrade Alencar Araripe. A língua planejada de Schleyer não escapou a Machado de Assis (1994), nem tanto pelo inerente teor linguístico, mas pela oportunidade de adornar sua crônica, num recado remetido ao pedantismo de então:

Antes do último neologismo do Sr. Castro Lopes, tinha eu suspeita, nunca revelada, de que o fim secreto do nosso eminente latinista era pôr-lhe a falar volapuk. Não vai nisto o menor desrespeito à memória de Cícero nem de Horácio, menos ainda ao seu competente intérprete neste país. A suspeita vinha da obstinação com que o digno professor ia bater à porta latina, antes de saber se tínhamos em nossa própria casa a colher ou o garfo necessário às refeições. Essa teima podia explicar-se de dous modos: — ou desdém (não merecido) da língua portuguesa ou então o fim secreto a que me referi, e que muito bem se pode defender.

Ora, se Machado de Assis não descobriu o esperanto – e não pode ser cobrado por isso, óbvio –, a recíproca é outra.

---

85 Vale lembrar que a flexibilidade é consensual como característica do esperanto, nos exemplos dados de Privat, Auld e Laülum.

Está em esperanto, por exemplo, o *Teatro: kvar komedioj* (*Teatro: quatro comédias*), de 1958, em memória do cinquentenário do falecimento do autor. Responde pela edição a Liga Brasileira de Esperanto. O volume conta com apresentação de J. Paulo de Medeyros, da Academia de Letras do Rio de Janeiro. Nesse livro, *La protokolo* (O protocolo) tem tradução de M. Avaleza, *Ne konsultu kuraciston* (*Não consulte médico*), de A. Caetano Coutinho, *Preskaŭ ministro* (*Quase ministro*), de Henerik Kocher, e *Leciono pri botaniko* (*Lição de botânica*), de Débora do Amaral Malheiro<sup>86</sup>.

Poemas, contos e romances machadianos também conheceram versão na língua de Zamenhof.

Dentre os poemas de Machado de Assis vertidos para o esperanto, os títulos *Neelirebla rezonrondo*, *Al Karolino*, *Iu kreito* (*Círculo vicioso*, *A Carolina* e *Uma criatura*) foram traduzidos pelo tcheco naturalizado brasileiro Francisco Valdomiro Lorenz<sup>87</sup>, com edição da Fonto (Chapecó, SC), ocupando as páginas 111 a 113 do *Brazila antologio poezia* (Antologia poética brasileira), em edição de 1994. Outra antologia de poemas brasileiros foi publicada em 2007, intitulada *Brazila esperanta parnaso* (Parnaso brasileiro do esperanto), sob direção de Sylla Chaves e Neide Barros Rego. Nela constam as traduções *La blua muŝo* (*A mosca azul*), feita por Leopoldo Knoedt<sup>88</sup>, *Al Karolina* (*A Carolina*), por Affonso Soares, e *Senelira cirklo* (*Círculo vicioso*), por Francisco Valdomiro Lorenz e Sylla

---

86 Com louvor, pois é a única mulher que encontrei na tradução esperantista da obra machadiana.

87 Nasceu em 1872, República Tcheca; faleceu em 1957 em Porto Alegre. Aprendeu volapuque antes e ido depois do esperanto. Autor do primeiro manual de esperanto para tchecos. Dominava várias línguas.

88 Knoet foi também tradutor de *Os lusíadas* e *Vidas secas*, dentre outras obras.

Chaves. No conjunto, evidenciam-se títulos canônicos, que não faltariam numa antologia de poemas machadianos.

O conto de Machado de Assis conheceu edição esperantista em 1953, com *Apologo* (“Um apólogo”), traduzido por Alcebiades Correia Pais, na *Antologio de brazilaj rakontoj* (*Antologia de contos brasileiros*), com 33 contos, ressaltando-se a curiosidade de não se repetirem nem os autores, nem os tradutores. A antologia tem apresentação de Barbosa Lima Sobrinho, então presidente da Academia Brasileira de Letras. Em 1997, a editora Fonto publicou *La alienisto* (“O alienista”), com tradução de Paulo Sérgio Viana. Em 2005, o título *La Divenistino kaj aliaj rakontoj* (*A cartomante e outros contos*), também com tradução de Paulo Sérgio Viana, recebeu edição da Oportuno. Além do conto que aparece no título da antologia, constam mais quatro: *Kokomeso* (“Missa do galo”), *Brakoj* (“Uns braços”), *Rakonto pri vergo* (“O caso da vara”) e *Rakonto pri lernejo* (“Conto de escola”). Todos os contos mencionados receberam notas de rodapé ou de fim com referências a locais do Rio de Janeiro, dados históricos e culturais, contemplando sobretudo os leitores estrangeiros. Em 2011, com o empenho do mesmo tradutor, desta vez em parceria com Francisco Stefano Wechsler, foi editada outra seleção de contos, com o título *La sekreta kaŭzo kaj aliaj rakontoj* (*A causa secreta e outros contos*), pela Wechsler Editora de Livros. Francisco Stefano Wechsler respondeu pela tradução de *La sekreta kaŭzo* (“A causa secreta”), *La spegulo* (“O espelho”), *Unu fama homo* (“Um homem célebre”), *Pilado kaj Oresto* (“Pílades e Orestes”), *Makulu vin dike!* (“Suje-se gordo!”) e *Patro kontraŭ patrino* (“Pai contra mãe”); e a Paulo Sérgio Viana coube traduzir *Miss Dollar* (“Miss Dollar”), *Turka pantoflo* (“A chinela turca”) e *Kiel oni inventis almanakojn* (“Como se inventaram os almanaques”).

Quanto ao romance, os dados consultados<sup>89</sup> indicam *Dom Casmurro* como o primeiro a ser traduzido, convertido ao esperanto por Carlos Domingues (193?). Em 2006, foi publicada a tradução *Postmortaj rememoroj de Brás Cubas* (*Memórias póstumas de Brás Cubas*) e, em 2007, outra versão de *Dom Casmurro*, ambas as traduções assinadas por Paulo Sérgio Viana, igualmente com edição da Oportuno.

Para os limites e os propósitos desta apreciação, não cabe uma aferição da qualidade das mencionadas traduções. Aceita a abordagem quantitativa dessas, posso inferir que, como regra geral, houve uma reiteração antológica da obra machadiana. Trata-se de títulos frequentes nas antologias e listas escolares e também nas traduções para as poucas línguas nacionais em que o nosso maior expoente literário foi contemplado. Machado, lamentavelmente, ainda é um ilustre desconhecido fora de nossas fronteiras. Tudo isso acaba mesmo confirmando o desafio levantado por Gaston Waringhien, segundo o qual seria tarefa cultural prioritária do esperanto servir de ponte para a construção de um museu de todas as obras-primas de todas as nações. Pelo visto, esse propósito vem sendo assumido discretamente pelos tradutores de esperanto brasileiros. Quanto ao valor dessa lavra beneditina, bastaria citar o teatro machadiano, que, salvo melhor juízo, só tem tradução na língua de Zamenhof.

---

89 Não tive acesso ao livro, mas consta o título e a tradução na página 158 do já mencionado *Teatro*.

## REFERÊNCIAS

ARARIPE JR. Tristão de Alencar. O volapuque. *A Semana*, Rio de Janeiro, a. 2, v. 2. n. 63, p. 90-91, 13 fev./ 20 mar. 1886.

ASSIS, Machado de. *Obra completa de Machado de Assis*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994 [1888-1889]. v. 3.

AULD, William. Pri la tradukado de poezio. *Heroldo de Esperanto*, Bélgica, a. 40, n. 16-8 [1386-1388], out-nov. 1964.

AZEVEDO, Artur. Palestra. *O País [O Paiz]*, Rio de Janeiro, p. 2, 12 abr. 1898.

BARANDOVSKÁ-FRANK, Vera. *Enkonduka lernolibro de interlingvistiko*. Sibiu-Hermannstadt: Editura Universitatii, 1995.

CHENGTAI, Shi. Gemoj en la verda mondo. El Popola Ĉinio. Disp. em: <<http://www.espero.com.cn/old/epch/05e/05e-09r/09-05.htm>>. Acesso em: 20 jan. 2015.

LAPENNA, Ivo. La kultura valoro de la Internacia Lingvo. Rotterdam: UEA; Copenhague: Fondaĵo Ivo Lapenna [39-a UK en Harlem, Nederlando], 1954. Também disponível em: <[http://www.ivolapenna.org/sonregistraĵo/6\\_Il\\_Kultura\\_valoro\\_1.mp3](http://www.ivolapenna.org/sonregistraĵo/6_Il_Kultura_valoro_1.mp3)>

LAROCA, Maria Nazaré de Carvalho. *O caráter verbo-nominal do aspecto em esperanto*. 391 f. Tese - UFF Niterói, 18 de agosto de 2009.

PRIVAT, Edmond Privat. *Esprimo de sentoj en Esperanto*. Estocolmo: Inko, 2001 [1929].

SHIJUN, Li (LAŬLIN). La kompetenteco de Esperanto por traduko de beletraĵoj. Disp. em: <<http://www.espero.com.cn/old/epch/05e/05e-06f/03-5e-6-4b.htm>>. Acesso em: 26 jan. 2015.

SHIJUN, Li (LAŬLIN). Problemoj solvendaj por Esperanto en traduko de beletraĵoj. Disp. <<http://esperanto.china.org.cn/world/shi-window/forumo/19-4.htm>> Acesso: 26 jan. 2015.

VARANKIN, Vladimir. *Teorio de esperanto: helpilo por superaj esperanto-kurson*. Saarbrücken: Artur E. Iltis, 1977 [1929].

ZAMENHOF, Lazaro Ludoviko. *Paroladoj*. Estocolmo: Inko, 2001[1912].



## REFERÊNCIAS DE MACHADO DE ASSIS EM ESPERANTO

ASSIS, Machado de. *La divenistino kaj aliaj rakontoj*. Trad. de Paulo Sérgio Viana. Rio de Janeiro: Oportuno, 2005.

ASSIS, Machado de. Al Karolina; Senelira cirklo. Trad. Affonso Soares, Francisco Valdomiro Lorenz; Sylla Chaves. In: CHAVES, Sylla; REGO, Neide Barros (org.). *Poesias escolhidas do Brazila Esperanto Parnaso*. Rio de Janeiro: Oportuno, 2007.

ASSIS, Machado de. Apologo. Trad. Alcebíades Correia Pais. In: LIMA SOBRINHO, Barbosa (apres.). *Antologio de brazilaj rakontoj*. Rio de Janeiro: BEL, 1953.

ASSIS, Machado de. *Dom Casmurro*. Trad. Paulo Sérgio Viana Rio de Janeiro: Oportuno, 2007.

ASSIS, Machado de. La blua muŝo; Al Karolina; Senelira cirklo. Trad. Leopoldo Knoedt, Affonso Soares, Francisco Valdomiro Lorenz; Sylla Chaves. In: CHAVES, Sylla; REGO, Neide Barros (org.). *Brazila Esperanta Parnaso*. Rio de Janeiro: Oportuno, 2007.

ASSIS, Machado de. *La sekreta kaŭzo kaj aliaj rakontoj*. Trad. Paulo Sérgio Viana, Francisco Stefano Wechsler. São Paulo: Wechsler Editora de Livros, 2011

ASSIS, Machado de. Neelirebla rezonrondo; Al Karolino; Iu kreito. In: LORENZ, Francisco Valdomiro (trad.). *Brazila antologio poezia*. Chapecó (SC): Lorenz; Fonto, 1994. p. 111-113.

ASSIS, Machado de. Neelirebla rezonrondo; Al Karolino; Iu kreito. In: LORENZ, Francisco Valdomiro (trad.). *Brazila antologio poezia*. Chapecó (SC): Lorenz; Fonto, 1994. p. 111-113.

ASSIS, Machado de. *Postmortaj rememoroj de Brás Cubas*. Trad. de Paulo Sérgio Viana, Trad. de Paulo Sérgio Viana. Rio de Janeiro: Oportuno, 2006.

ASSIS, Machado de. *Teatro*: kvar komedioj. Trad. M. Avaleza, A. Caetano Coutinho, Henerik Kocher, Débora do Amaral Malheiro. Rio de Janeiro: BEL, 1958.